

Ética e Solidariedade para um Mundo mais Justo

Palestra proferida por Mary Caetana Aune¹ durante a 32a Conferência Mundial de Bem Estar Social

“A melhora do mundo pode ser obtida através de ações puras e boas, de conduta louvável e digna”

-- dos Escritos Bahá'ís

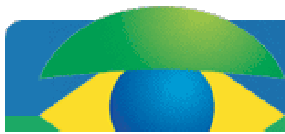
Muito bom dia a todas as pessoas aqui presentes. É uma enorme alegria para mim poder fazer parte desta mesa, juntamente com Dr. Carlos Moor e a Ministra Matilde Ribeiro, a quem muito admiro.

Antes de entrar propriamente no tema da palestra que me foi solicitada, acredito que seja necessário pensarmos um pouco acerca dos conceitos com os quais vamos trabalhar nesta manhã. A ética é o que chamamos um conjunto de regras, princípios e maneiras de agir. Mais do que isto, com daria Paul Singer, é o estudo sistemático da argumentação sobre como devemos agir. Seu objetivo é facilitar a realização das pessoas – que as pessoas cheguem a realizar a si mesmos como pessoas. Neste sentido é que Clodet afirmava que a ética ocupa-se da perfeição do ser humano. Ou seja: a ética é a forma como nós analisamos as nossas ações e atitudes a fim de buscar a utopia, que é a construção de um mundo perfeito para todos os seres humanos. Todos nós sabemos que o ser humano não é indiferente às outras pessoas que lhe circundam. Ele tem plena consciência destas outras pessoas. Assim, a ética nos traz um apelo: o de tratar seres humanos como seres humanos, e não como coisa ou bicho. Ela vem denunciar toda realidade onde o ser humano é coisificado e animalizado, ou seja, onde o ser humano concreto é desrespeitado na sua condição humana.

Entretanto, a ética não é natural, ou inerente ao ser humano. Ela é um produto de reflexão acerca de que tipos de costumes podem ou devem ser cultivados pelas pessoas e grupos sociais. Entre os participantes de qualquer grupo humano sempre haverá um potencial conflito de interesses, percepções, objetivos e métodos. Isso sim, é natural, faz parte da natureza humana. O ponto crucial aqui é a forma como nós solucionamos estes conflitos. Há um autor, Luis Henrique Beust, especialista em educação, que traz uma teoria interessante sobre o assunto: a teoria do “Nós e Eles”. diz que na busca pela solução para esses conflitos, os métodos e encaminhamentos empregados variam tremendamente se o conflito é entre pessoas consideradas como membros do *nós*, ou se elas pertencem ao *eles*. Quando o conflito envolve a *nós*, normalmente tendemos a buscar solucioná-lo pela negociação, pelo diálogo, com base na justiça e na legislação. Por outro lado, se o conflito se desenvolve com pessoas de outros grupos (*eles*), é freqüente que partamos para o confronto, a violência, a agressão e até mesmo a guerra.

Existem três formas comuns de relacionamento entre os membros de um grupo ou sociedade: a concorrência, o antagonismo e a complementaridade. Na primeira, as pessoas competem entre si por benefícios, por poder político, por status social. Na segunda, colocam-se radicalmente contra qualquer tipo de ação desenvolvida pelas pessoas dos outros grupos. Mas é sobre a terceira que queremos nos fixar: a complementaridade acontece quando as pessoas se sentem parte do grupo em que estão inseridas. A partir deste momento, conseguem desenvolver uma relação de solidariedade com esses outros membros, e passam a agir em benefício mútuo. A carência desta complementaridade nos leva, em última instância, à destruição, tanto da vida humana quanto de

¹ Mary Caetana Aune é cientista política pela Universidade de Brasília, membro e vice-presidente do Conselho Distrital de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, coordenadora colegiada do Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos e membro do Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos. Atualmente, exerce a função de Secretária Nacional Adjunta para Assuntos Externos da Comunidade Bahá'í do Brasil.



outras formas de vida. A solidariedade, portanto, precisa ser um objetivo tanto da perspectiva pessoal quanto coletiva. Isto porque ela se caracteriza em um caminho para a indispensável transformação cultural das sociedades atuais, cuja característica mais marcante talvez seja a fragmentação. Voltando à teoria de Beust, ele costuma utilizar dois gráficos bastante ilustrativos das diferentes percepções que temos da realidade à nossa volta. Um deles apresenta o grupo do *nós* ao centro, enquanto vários grupinhos de *eles*, em diferentes formatos e tamanhos, espalham-se ao redor. O outro traz círculos concêntricos, em que o que varia é o grau de interação que existe entre os diversos grupos de *nós*.

Explico: Um bebê, quando nasce, tem a impressão de que ele e a mãe são um só corpo, indissociável. Ela está lá quando ele precisa se alimentar, dá carinho, troca-lhe as fraldas ao menor sinal de desconforto... Mas o bebê vai crescendo, e percebe que a mãe não é parte integrante dele, mas sim um outro ser que está sempre à sua volta. Esta é a primeira noção de *nós* a que estamos expostos, logo quando chegamos a este mundo. E a primeira noção de *eles* acontece quando este bebê se dá conta de que existe m outro grupo de pessoas – o pai, os irmãozinhos, os avós e as tias que vêm visitar de vez em quando, com os quais este bebê não tem lá tanta afinidade. São estranhos que competem com ele pela atenção da mãe, que antes estava ali apenas para cuidar dele, o ser mais importante do mundo. Com o tempo, este bebê percebe que este núcleo familiar também tem características com as quais ele se identifica. E seu círculo de convivência torna-se mais amplo. Ele passa a ir à escola, onde tem aqueles amigos mais próximos, que passam a pertencer também a este círculo, e aqueles com os quais não tem muita afinidade. E é assim que uma visão imatura da realidade vai amadurecendo, para em vez de se representar em diversos grupos de *eles* com os quais não se tem relação ou identificação, integrar uma coleção de círculos concêntricos, no qual todas as pessoas estão, em alguma medida, inter-relacionadas. No auge da compreensão desta complexa estrutura, aprendemos a observar que as diferenças entre as pessoas são justamente a beleza da diversidade da humanidade. Cada um com suas especificidades e com suas habilidades diversas contribui para que nossas experiências sejam enriquecidas, para que sejamos seres humanos mais completos. Assim, aprendemos que pessoas de todas as classes sociais, de todas as origens étnico-raciais, homens e mulheres, quaisquer que sejam sua orientação ou identidade sexual, seu credo, sua idade – todos somos parte de um único e grande grupo de *nós*: a humanidade.

Esta percepção solidária, madura da realidade, entretanto, tem como pressuposto uma relação de reciprocidade. Se é uma relação de mão única, então o melhor termo é a caridade. Numa relação de solidariedade, está pressuposta uma troca entre os vários membros do grupo social. Assim, quando um indivíduo se diz solidário a outro, significa que este outro também tem algo a lhe oferecer. Estas trocas solidárias ocorrem muito mais no campo espiritual do que meramente no material. E aqui me permito reforçar a natureza dual dos seres humanos. Mais do que acumular bens, nossa missão nesta vida é acumular virtudes e dons espirituais. Desta forma, precisamos exercitar com nossos semelhantes as características boas que possuímos, ao mesmo tempo em que buscamos sempre estimular virtudes que ainda não estamos acostumados a manifestar.

Já na década de 1850, o Profeta fundador da Fé Bahá'í, Bahá'u'lláh, dizia que o bem-estar da humanidade, sua paz e segurança, são inatingíveis, a não ser que primeiro se estabeleça firmemente a sua unidade. Ser solidário é reconhecer que o outro faz parte de nós mesmos na medida em que nós fazemos parte de um grupo muito maior de *nós* do que comumente nos damos conta: somos todos parte de uma só humanidade. Neste sentido, a solidariedade se mostra como um caminho para um amor ético, também chamado de amizade. Este é o tipo de relação social que mais gera valores e amplia a liberdade humana.



Para que uma relação seja considerada real amizade, existe porém mais um pressuposto: a existência de respeito entre as partes. Não raro, porém, verificamos nas relações sociais a prática de imposição deste respeito a partir do temor, da desigualdade de forças, da necessidade de obedecer para não sofrer sanções. Esta é uma relação que, ao longo do tempo, torna-se insustentável. Para que seja duradouro, o respeito precisa ser estabelecido por meio de uma atenção integral, uma preocupação constante com o bem-estar do outro. Isto se aplica tanto para as relações familiares, de comunidades próximas, quanto para as que se dão entre governantes e governados, no caso do Estado e seus cidadãos. Quando se aprende a conviver com suas diferenças, quando as pessoas cuidam umas das outras, quando o Estado se coloca como provedor de bem-estar para todos os que estão sob sua responsabilidade, aí sim é possível identificar a unidade. A solidariedade pressupõe, portanto, partilha e ação em conjunto. Suscita valores essenciais, como o amor, a paz, a liberdade, a meditação, a evolução e a harmonia.

O seguinte trecho foi extraído de um livro denominado A Promessa da Paz Mundial (Ed. Bahá'í), e expressa bem a distorção destes princípios sobre os quais estamos conversando esta manhã: “Lamentavelmente, muitas ideologias, em vez de abraçarem o conceito de unidade da humanidade e promoverem o aumento da concórdia entre os diversos povos, manifestaram tendência a deificar o Estado, a sujeitar o resto da humanidade ao domínio de uma nação, raça ou classe, a procurar suprimir toda a discussão e o intercâmbio de idéias, ou a abandonar friamente milhões de seres humanos à sorte de um sistema de mercado que, de forma mais que patente, esta agravando as agruras em que se encontra a maioria da humanidade, ao mesmo tempo que permite que pequenas parcelas vivam em condições de riqueza, com que nossos antepassados dificilmente poderiam sonhar.” É a imposição de uma relação desigual de poder, na qual os sujeitos de direito estão submetidos a uma lógica perversa de dominação, seja pelo Estado, seja pelo Mercado.

A ética é, portanto, o exercício de conscientemente avaliar a forma como temos agido e a capacidade de, assim, trabalharmos para exercer uma melhora em nós mesmo e para contribuir para a construção de um mundo mais justo. Ao mesmo tempo, a solidariedade e o amor a toda a humanidade precisam ser os valores fundantes de todas as nossas ações. Para isto, todas as pessoas, desde nós mesmos em nossas casas e comunidades até os mais altos escalões da política mundial, precisamos assumir nossa responsabilidade coletiva para com a humanidade. Todos temos a responsabilidade de reconhecer a unidade humana e de promover os direitos humanos para todas as pessoas. É preciso que nos apropriemos do conceito da cidadania mundial, e que compreendamos as palavras de Bahá'u'lláh, quando Ele nos diz que a Terra é de fato um só país, e os seres humanos os seus cidadãos.